

Painel de leitura



Crônica: conceito

Crônica (do grego *krónos*, tempo) é um gênero textual produzido para ser publicado em jornais (impressos ou digitais) e em revistas. Pode assumir muitas formas e, de acordo com a esfera social em que está inserida, pode ser literária ou jornalística.

Mas qual a função social da crônica? Por que os escritores criam textos como esse? A função desse texto é comentar fatos corriqueiros do dia a dia, revelando uma perspectiva particular sobre a realidade. Em geral, os cronistas têm uma coluna periódica (semanal, quinzenal, mensal) em jornais ou revistas. Com o passar do tempo, é construída uma familiaridade entre os leitores frequentes dessa coluna e o autor.

Crônica: classificação quanto ao tipo de discurso

As crônicas podem ser classificadas de acordo com a sequência discursiva predominante em sua composição: narrativa, descritiva, dissertativa (argumentativa) ou dialogada. Podem também ser consideradas mistas.

- **Crônica descritiva** – o narrador busca caracterizar um objeto, uma pessoa, um lugar ou um acontecimento, explorando seus detalhes e evitando fazer julgamentos.
- **Crônica narrativa** – organiza-se como uma narrativa, com começo, meio e fim. Apresenta narrador (em 1ª ou 3ª pessoa), personagens, ações e diálogos. Os fatos narrados podem ser verídicos ou ficcionais.
- **Crônica dissertativa** – o cronista apresenta uma ideia e a defende com argumentos lógicos e racionais. Por defender um ponto de vista, geralmente é redigida em 1ª pessoa.
- **Crônica dialogada** – é mais rara de ser encontrada. Nesse caso, a voz do narrador é inexistente ou faz pequenas intervenções sem emitir comentários ou julgamentos sobre os fatos. Todo o texto é estruturado no diálogo entre personagens. *MUMORÍSTICA =*
- **Crônica mista** – é o tipo mais frequente. Trata-se de um texto híbrido, em que estão presentes sequências discursivas variadas e não há o predomínio de nenhuma.

Para compreender melhor o gênero, leia uma crônica de Gregório Duvivier.

A cerimônia do adeus

A primeira vez que eu me apaixonei eu tinha 6 anos. O nome dela era Julie Angulo (pronunciava-se julí angulô). Diziam que ela era superdotada. Chegou no nosso ano porque tinha pulado o ano anterior. Por ser um ano mais nova, era do meu tamanho.

Só passou um ano entre nós mortais — logo pulou de ano outra vez e disparou como uma flecha em direção ao futuro. Acho que ela fez a escola inteira assim, brincando de amarelinha com o tempo. Eu, que fiquei preso no meu ano pra sempre, às vezes me pergunto onde ela está, se continua pulando os anos da vida e hoje em dia é bisavó, ou se escolheu um ano bom e resolveu ficar por lá.

Aos 8 anos, me apaixonei pela Fanny Moffette (pronuncia-se faní moféte). Ela era canadense e tinha os cabelos brancos de tão amarelos e olhos cinzas de tão azuis. Tinha uns dez centímetros a mais que eu — dez centímetros aos 8 anos equivale a 80 centímetros hoje em dia.

Um dia, descobriram que eu gostava dela. Começaram a cantar a velha canção, se é que se pode chamá-la assim, posto que só tem uma nota: “tá namorando, tá namorando”.

Ela teve uma reação, digamos, inusitada: pegou a minha cabeça e começou a bater com ela no chão para provar que a gente não estava namorando, que a gente nunca tinha namorado, que a gente nunca iria namorar. Gritava: “nunca, nunca”, enquanto batia com a minha cabeça no chão. As pessoas riam. Até que perceberam que a minha testa começou a sangrar.

Aos 11 anos me apaixonei pela Alice. Ficamos meio amigos numa época em que a amizade entre meninos e meninas era tão rara quanto entre **israelenses e palestinos**. Alice me contava, não por **sadismo**, mas por ignorância, dos garotos que ela achava “gatos”. Um dia, me disse que tinha dado o primeiro beijo. Dei um abraço nela, “parabéns!”, e acho que fui chorar no banheiro.

“A vida é uma longa despedida de tudo aquilo que a gente ama”, meu pai sempre repete (mas a frase é do **Victor Hugo**). Todos os amores terminam — alguns amigavelmente, chorando no banheiro, outros com humilhação pública e sangue na testa, outros com a morte. “Para isso temos braços longos, para os adeuses.”

Alice se casou e eu estava lá, felizão. Fanny veio me pedir desculpas pelas porradas na cabeça. Somos muito amigos — no Facebook.

Tem uma hora — e dizem que essa hora sempre chega — que para de doer. A parte chata é que, até parar de doer, parece que não vai parar de doer nunca.

“Nunca! Nunca!” gritava a Fanny.

Victor Hugo: o francês Victor Hugo (1802-1885) foi poeta, romancista e dramaturgo. É autor de *O corcunda de Notre Dame* (1831), *Os miseráveis* (1862) e *Os trabalhadores do mar* (1866), entre inúmeras outras obras.

DUVIVIER, Gregório. A cerimônia do adeus. *Folha de S.Paulo*, 8 dez. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriодувивієr2014/12/1559017-a-cerimonia-do-adeus.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

1. Discuta as questões a seguir com os colegas e o professor.

- A crônica aborda um assunto pessoal? Explique.
- Esse tema pode gerar interesse nas pessoas? Por quê?
- Na crônica, com que objetivo o narrador relata suas histórias de infância?
- Por que ele não fala sobre os amores recentes?
- A crônica despertou em você lembranças de amor e despedida? Quais? Se quiser, conte essas lembranças aos colegas.

israelenses e palestinos: dois povos que vivem em conflito há muito tempo. A rivalidade aumentou após ter sido criado o Estado de Israel (1948) em terras ocupadas por palestinos.

sadismo: prazer com o sofrimento alheio.

2. Ao falar sobre despedidas, a crônica apresenta alguns momentos de humor. Quais são? Por que o narrador explora o humor?

3. Que informação é possível inferir desta frase: "Por ser um ano mais nova, era do meu tamanho"? Essa mesma ideia está presente em outro momento da crônica. Transcreva-o.

4. É possível afirmar que a crônica relata fatos que aconteceram na vida do autor exatamente da forma como foram narrados? Explique.

5. Como são apresentadas as três personagens femininas? O que elas têm em comum?

6. A crônica "A cerimônia do adeus" é mais parecida com uma notícia de jornal ou com um texto literário? Justifique.

7. As crônicas geralmente são textos curtos. A que se deve a brevidade desse gênero textual?

8. Que sequência discursiva ou tipológica predomina na crônica lida?

- () Descritiva.
() Narrativa.
() Dialogal.
() Injuntiva.
() Expositiva ou explicativa.
() Argumentativa.

9. Relacione a sequência discursiva ao trecho da crônica.

I. Descritiva II. Narrativa III. Expositiva

- () "Gritava: 'nunca, nunca', enquanto batia com a minha cabeça no chão. As pessoas riam."
() "Ela era canadense e tinha os cabelos brancos de tão amarelos e olhos cinzas de tão azuis. Tinha uns dez centímetros a mais que eu."
() "Todos os amores terminam – alguns amigavelmente, chorando no banheiro, outros com humilhação pública e sangue na testa, outros com a morte."
() "Só passou um ano entre nós mortais – logo pulou de ano outra vez e disparou como uma flecha em direção ao futuro."

10. Sobre o narrador, é correto afirmar:

- I. É um narrador-observador, que não participa da história.
II. Trata-se de um narrador-personagem, que participa das ações.
III. Sua narrativa é subjetiva, parcial, pois ele está envolvido com os fatos narrados.
IV. É um narrador onisciente, que sabe tudo o que se passa na cabeça dos personagens.

Estão corretos os itens:

- a) I e II. c) III e IV. e) II e IV.
b) II e III. d) I e III.

11. Sobre a passagem do tempo, responda às questões.

a) Há marcas temporais? Quais? Qual sua função?

b) Quais os tempos verbais predominantes no texto? Justifique essa predominância.

c) Essa crônica se detém em um fato ocorrido em um momento específico ou é mais abrangente? Justifique.

12. A crônica de Gregório Duvivier explora alguns recursos de pontuação que acabam ganhando destaque no texto, funcionando como recursos multimodais.

Observe o uso dos **parênteses** no texto de Duvivier.

- A primeira vez que eu me apaixonei eu tinha 6 anos. O nome dela era Julie Angulo (pronunciava-se julí angulô).
- “A vida é uma longa despedida de tudo aquilo que a gente ama”, meu pai sempre repete (mas a frase é do Victor Hugo).

parênteses: são usados para isolar informações do restante do texto ou para intercalar frases, assim como as vírgulas e os travessões.

a) Qual é a função dos parênteses nos trechos?

b) Que relação o uso dos parênteses cria entre o narrador e o leitor nesses trechos?

13. Observe alguns usos de **travessões** na crônica estudada.

- Só passou um ano entre nós mortais — logo pulou de ano outra vez e disparou como uma flecha em direção ao futuro.
- Tinha uns dez centímetros a mais que eu — dez centímetros aos 8 anos equivale a 80 centímetros hoje em dia.
- Todos os amores terminam — alguns amigavelmente, chorando no banheiro, outros com humilhação pública e sangue na testa, outros com a morte.
- Alice se casou e eu estava lá, felizão. Fanny veio me pedir desculpas pelas porradas na cabeça. Somos muito amigos — no Facebook.
- Tem uma hora — e dizem que essa hora sempre chega — que para de doer. A parte chata é que, até parar de doer, parece que não vai parar de doer nunca.

travessões: são usados para indicar a mudança de interlocutor em um diálogo ou para assinalar uma expressão intercalada, substituindo vírgulas e parênteses.

a) Qual é a função dos travessões nos trechos?

b) Por que, em alguns trechos, é usado apenas um travessão e, em outros trechos, o travessão é duplo?

c) Leia os trechos em voz alta. O que os travessões provocam no ritmo de leitura do texto?

d) Se os travessões fossem substituídos por vírgulas, teriam o mesmo efeito? Explique.

14. Observe como as **aspas** foram aplicadas na crônica “A cerimônia do adeus”.

aspas: empregadas para destacar palavra ou expressão, atribuindo-lhe sentido ou ressaltando um sentido particular; para identificar uso de gíria, estrangeirismo ou ironia. Também usadas a fim de assinalar a transcrição de uma citação ou a voz de outra pessoa ou personagem.

- Começaram a cantar a velha canção, se é que se pode chamá-la assim, posto que só tem uma nota: “tá namoran-do, tá namoran-do”.
- Gritava: “nunca, nunca”, enquanto batia com a minha cabeça no chão.
- Alice me contava, não por sadismo, mas por ignorância, dos garotos que ela achava “gatos”.
- Dei um abraço nela, “parabéns!”, e acho que fui chorar no banheiro.
- “A vida é uma longa despedida de tudo aquilo que a gente ama”, meu pai sempre repete (mas a frase é do Victor Hugo).
- “Para isso temos braços longos, para os adeuses.”

Em qual (quais) trecho(s) as aspas:

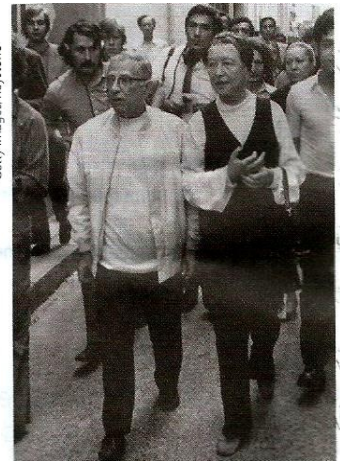
a) identificam uma citação?

b) destacam uma palavra?

c) indicam a fala de personagens?

d) identificam uma ironia?

15. O título da crônica, “A cerimônia do adeus”, é o nome de um livro de memórias da escritora francesa Simone de Beauvoir, escrito em 1981, que trata sobre os últimos anos que viveu com o filósofo Jean-Paul Sartre, falecido em 1980. O livro traz reflexões sobre a velhice e a morte e é entendido pelos leitores como uma despedida.



■ Sartre e Simone de Beauvoir

a) A crônica que você leu foi publicada duas semanas depois de anunciada a separação do autor, que viveu durante cinco anos com a cantora, atriz e roteirista Clarice Falcão. Em sua opinião, Gregório Duvivier escreveu a crônica para se despedir de Clarice Falcão, embora ele não se refira explicitamente a isso no texto? Explique sua resposta.

b) Você considera o título do texto adequado? Que outro título daria a ele?

Dialogismo

Um texto sempre dialoga com outro, de maneira explícita ou implícita. Bakhtin, filósofo russo e importante estudioso da linguagem, chama a atenção para o fato de que os discursos sempre se apoiam em discursos anteriores, ou seja, todo texto (seja oral ou escrito) faz referência a outros textos. Nesse sentido, todo texto é **dialógico**. Além de fazer referência ao texto de Simone de Beauvoir, a crônica de Gregório Duvivier traz, em seu interior, outras vozes, ou seja, outros discursos com os quais dialoga.

No entanto, o aproveitamento do discurso de outrem não é mera reprodução, pois sofre alterações e ganha diferentes sentidos em novos contextos. Em outras palavras: os discursos são recriados e enunciados do ponto de vista do enunciador, que sempre vai interpretar a fala do outro e retransmiti-la do seu jeito.

16. Releia o trecho a seguir.

“A vida é uma longa despedida de tudo aquilo que a gente ama”, meu pai sempre repete (mas a frase é do Victor Hugo). Todos os amores terminam — alguns amigavelmente, chorando no banheiro, outros com humilhação pública e sangue na testa, outros com a morte. “Para isso temos braços longos, para os adeuses.”

Quais vozes você consegue identificar no trecho?

17. Leia a primeira estrofe do “Poema de Natal”, de Vinicius de Moraes.

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos —
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.

MORAES, Vinicius de. Poema de Natal. In: _____. *Obra poética*. São Paulo: José Aguilar, 1968. p. 295.

a) Que relação temática pode ser feita entre a crônica de Duvivier e esses versos de Vinicius de Moraes?

b) O narrador da crônica reproduz o verso de Vinicius de Moraes exatamente como no original?

18. Identifique, nos trechos a seguir, outras vozes que os compõem.

a) A primeira vez que eu me apaixonei eu tinha 6 anos. O nome dela era Julie Angulo (pronunciava-se julí angulô). Diziam que ela era superdotada.

b) Um dia, descobriram que eu gostava dela. Começaram a cantar a velha canção, se é que se pode chamá-la assim, posto que só tem uma nota: “tá namoran-do, tá namoran-do”.

c) Alice me contava, não por sadismo, mas por ignorância, dos garotos que ela achava “gatos”.

O leitor virtual

É preciso considerar também que um texto é sempre escrito levando em conta seu interlocutor. Isso significa que, ao escrever, o enunciador tem em mente um **leitor virtual**, com o qual dialoga.

O leitor também deve dialogar com o texto que lê, confrontando suas ideias, aprovando, questionando, apreciando, etc. Esse movimento de questionamentos possibilita a compreensão do texto, pois é pela interação verbal que a comunicação se efetiva.

19. No trecho a seguir, identifique e explique em que momento o narrador prevê uma reação ou um comportamento do leitor e dialoga com ele.

“A primeira vez que eu me apaixonei eu tinha 6 anos. O nome dela era Julie Angulo (pronunciava-se julí angulô). Diziam que ela era superdotada. Chegou no nosso ano porque tinha pulado o ano anterior. Por ser um ano mais nova, era do meu tamanho”.
